

Credo historiográfico

FRANCISCO JOSÉ ALVES

PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFS

1. Creio na história como uma manifestação das potências da vida e não um “imaculado conhecimento”. Na condição de força vital, a história expressa a vontade de lembrar, conservar, venerar, mas também o impulso de libertação, ruptura e invenção de coisas novas. A história é congenitamente plural, pois atende a homens e a momentos diversos. Na história palpita o homem com as suas múltiplas feições. Renego, como perigosamente imperialista, toda tentativa de reduzir a história a um único feito, a um modelo único. O reino de Clio tem muitas moradas, bem como é multiforme a legião dos seus amantes.

2. Advogo por uma história que una erudição e arte, “saber com sabor”, como dizia Roland Barthes. Assim sendo, me enfileiro entre aqueles que entendem que a história é, além de perícia técnica, uma arte da escrita; que o historiador, além de perito, deve ser fundamentalmente, um bom narrador de enredos verídicos. A historiografia é, incontornavelmente, um relato como a lenda, a saga, a poesia épica ou o romance moderno. A obrigação de bem narrar é dever no ofício de historiar. Bom historiador será sempre aquele capaz de dar sangue, carne e espírito aos mortos evocados.

3. Defendo, com firmeza, que um bom historiógrafo não se improvisa. A escrita da história exige saberes e técnicas que somente com uma formação bem conduzida logram êxito. Ninguém pode arvorar-se historiador desconhecendo os expedientes elementares da heurística, da crítica histórica e da interpretação dos documentos. Histori-

ografia implica competência técnica, modos de fazer, formas de tratar as evidências. Clio não admite na legião dos seus amantes os que não dominam os fazeres do ofício. A historiografia rigorosa é domínio de iniciados.

4. Acredito que uma das obrigações incontornáveis do historiador é comunicar-se com os leitores. Os resultados da Pesquisa Histórica não devem limitar-se aos muros dos campi universitários. É dever do historiográfico buscar os caminhos do público não especializado. Devemos socializar os resultados das nossas investigações para além dos nossos pares. Creio que o bom historiador é aquele capaz de falar a língua dos eruditos – seus companheiros de ofício – mas também capaz de dizer em língua acessível ao público de fora da academia. Vejo nisto um dever social do pesquisador, uma função do historiógrafo.

5. Penso que o saber histórico é um dos componentes indispensáveis na formação do homem esclarecido e livre. O conhecimento histórico é chamado a ocupar um lugar de relevo na constituição de sujeitos ativos e lúcidos. A história, assim entendida, é fator educativo por excelência. Por meio dela, o homem põe-se no espelho e perscruta a sua face em infinita metamorfose... É lição de humanismo, de prudência e também de esperança. Através da história o homem de hoje toma conhecimento do rio secular onde corre a humanidade. É meio de auto-conhecimento.

6. Pugno pela pluralidade das temáticas. O passado pode ser abordado nos mais diversos aspectos. Nenhuma faceta dele pode ser, de antemão, vetada ao interesse do

historiógrafo. Contra as historiografias que reduzem o passado a uma única dimensão. Advogo o exame não somente do político, do econômico ou do social, mas também o da mentalidade, ou do imaginário, e do simbólico. Enfim, todas as facetas constituintes do bicho humano em sua trajetória pela temporalidade. O homem do passado – como o de hoje – é pluridimensional. Deve ser encarado sob ângulos diversos. Reduzi-lo é mutilá-lo.

7. Nego, com fervor, todas as teorias que querem reduzir os por quês da história a um fator único e/ou determinante. O homem social é complexo. O processo histórico em sua inteireza é irreduzível a um motor único, a um “carro-chefe”. Uma historiografia – livre das seduções dos abre-te sésamo – deve atentar para a diversidade de fatores que em conjunta atuação movem os su-

cessos históricos. Contra as sereias das explicações monocausais, é preciso fazer jus à complexidade das sociedades.

8. Vejo na História uma expressão da vontade semiológica do homem. Um discurso por meio do qual as épocas procuram se situar significativamente no mundo. Penso o saber histórico como um componente da teia de sentido onde os homens se movem. Historiar é semantizar, é ordenar conceitualmente o caos da experiência do passado; é o esforço do homem para não se perder na amnésia ou no absurdo. Por meio da história inventamos o passado, forjamos identidades, nos situamos na voragem do tempo. Vejo na História um componente terapêutico de nossa civilização.

fjalves@infonet.com.br